

BNDES não teme aumento da inadimplência

Novo presidente afirma que instituição estava preparada contra efeitos da desvalorização do real

JÔ GALAZI

RIO - Nomeado oficialmente para a presidência do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), José Pio Borges, em cargos de direção na instituição desde 1990 – exceto por um curto período em que retornou à iniciativa privada, no governo Itamar Franco –, assume a função no meio de um terremoto.

O banco não sofrerá com a desvalorização do real, antecipa ele, demonstrando tranquilidade. Isso porque, mesmo sendo do governo, o BNDES tomou o cuidado de casar seus ativos e passivos em dólar, ou seja, para cada dólar que deve, tem um dólar corrigindo empréstimos dados.

Quanto aos tomadores de empréstimos corrigidos por variação cambial, cujas dívidas se tornaram mais caras, Pio Borges garante que não há risco de inadimplência. A recessão, segundo ele, certamente é mais séria em termos de perspectiva de inadimplência do que a desvalorização do real. Neste caso, ele acredita que serão atingidos principalmente os empréstimos concedidos por intermédio de agentes financeiros.

O BNDES, diz Borges, terá R\$ 20 bilhões para emprestar este ano e em sua avaliação não faltarão candidatos aos recursos, apesar das dificuldades econômicas. Os exportadores vão querer o dinheiro do banco, que dispõe de US\$ 3 bilhões para emprestar.

Segundo Pio Borges, este valor é uma excelente base para se ter finalmente, a estruturação de um Eximbank brasileiro. Pio Borges, até novembro, era vice-presidente do BNDES e o responsável pela Área de Desestatização da instituição. Com o episódio da divulgação das fitas resultantes do grameamento dos telefones do banco na época da privatização das empresas da Telebrás, o ministro das Comunicações, Luiz Carlos Mendonça de Barros, e o presidente do banco, André Lara Resende, pediram demissão e, em solidariedade, Pio Borges também.

Depois, o presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, e o ministro do Desenvolvimento, Celso Lafer, o convidaram para assumir o posto máximo do banco. Após conversar com Resende e Mendonça de Barros, aceitou a função. Pio admite que o banco, a partir de agora, poderá vir a gravar as suas conversas e as dos demais diretores, para enfrentar eventuais “grampos editados”.

Estado - Para as contas do BNDES, o que representa exatamente a desvalorização do real?

José Pio Borges - Do ponto de vista do balanço do banco a desvalorização não terá efeitos. Há al-

gum tempo já estávamos trabalhando com nossos ativos em dólar bem casados com os passivos em dólar. Para cada 1 dólar em nosso passivo, temos 1 dólar como credores. A questão é como isso afetará as demais empresas, mas achamos que, quando as coisas se acalmarem, a maior tranquilidade do mercado será favorável ao ambiente para investimentos.

Estado - Enquanto as coisas não se acalmam, há problemas. Uma parte dos recursos do banco está emprestada com base na variação cambial e na variação de uma cesta de moedas. O senhor não teme que haja inadimplência?

Pio Borges - Os recursos indexados à cesta de moedas e ao dólar estão concentrados no setor exportador, que por ter sua receita em dólares, vai ganhar mais em reais. Portanto não deixará de ter dinheiro para pagar ao BNDES. Também emprestamos com base nesses indexadores para empresas subsidiárias de estrangeiras, que em princípio são sólidas e igualmente deverão cumprir seus compromissos. Evidentemente deverá haver casos de dificuldades de um ou outro tomador, mas nada que afete a inadimplência, que é baixa. Ao menos não pela desvalorização.

DÍVIDA EM DÓLAR EQUIVALE A EMPRÉSTIMOS

Estado - O temor então é o de que haja mais inadimplência de forma geral, e não entre as empresas com empréstimos indexados?

Pio Borges - A recessão certamente é mais séria em termos de perspectiva de inadimplência do que a desvalorização do real. Principalmente no caso dos recursos emprestados por intermédio de agentes financeiros, creio que a inadimplência crescerá. É claro que nas operações em que os recursos são emprestados às empresas por intermédio destes agentes, isto é, de bancos, o risco de crédito é da instituição e não do BNDES. Só que se a inadimplência nos bancos for muito alta, eles passam a exercer uma certa pressão para adiar pagamentos ao BNDES. Não podemos deixar de compreender e colaborar, porque senão eles deixam de repassar os nossos recursos.

Estado - Com todas as dificuldades já esperadas para 99, haverá demanda para os recursos do BNDES?

Pio Borges - A demanda hoje já é de R\$ 24 bilhões a R\$ 25 bilhões, mas, claro, muitos projetos apresentados podem não se concretizar. O ano passado também não foi fácil, a partir da crise da Ásia, e mesmo assim nossos desembolsos superaram as previsões e bateram recorde. Há investimentos que não podem ser adiados e não serão. Um exemplo é o de telecomunicações – as empresas têm metas a cumprir estabelecidas em seus contratos de concessão e vão ter de investir para cumpri-las. O mesmo se dá em ferrovias e rodo-



Pio Borges, do BNDES: convite para ficar após pedido de demissão em solidariedade a Mendonça de Barros

vias e em geração de energia. Acho que os R\$ 20 bilhões do nosso orçamento para 99 é um bom número e não sobrá dinheiro.

Estado - Qual será a fonte dos R\$ 20 bilhões que o BNDES pretende desembolsar este ano?

Pio Borges - Cerca de 65% é retorno de empréstimos dados no passado. Existem ainda aproximadamente 20% do Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT) e recursos do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), além do Banco Mundial (Bird) e de venda de ações da nossa carteira. A captação externa, que no passado foi importante, este ano contribuirá pouco para o nosso orçamento, pois não será fácil obter dinheiro no mercado internacional. A venda de ações também deverá ser menor, dadas as condições desfavoráveis do mercado.

Estado - O BNDES conseguiu captar no exterior este ano?

Pio Borges - Por intermédio da securitização de recebíveis de exportação, que exclui o risco Brasil, sim. Penso que dá para conseguir pelo menos US\$ 1 bilhão desta maneira. Não deverá haver problemas porque o que estaremos oferecendo serão títulos lastreados em dívidas contraídas por empresas internacionais sólidas no BNDES. Quando se vende aviões da Embraer para a American Eagle, que pertence à American Airlines, o banco recebe notas promissórias da American, a vencer em 10 ou 12 anos. Portanto, são promissórias de uma empresa norte-americana, em nada afetada pelo que possa ocorrer com o Brasil. Podemos pegar notas promissórias, ou seja, recebíveis de várias empre-

sas estrangeiras como a American, e com base nelas fazer títulos garantidos por estas promissórias para vender no mercado internacional.

Estado - O senhor pediu demissão da vice-presidência do BNDES juntamente com André Lara Resende e com o ministro Mendonça de Barros. Mas terminou ficando e assumindo o cargo de presidente. O que aconteceu para que o senhor mudasse de idéia?

José Pio Borges - Pedi demissão por total solidariedade a eles. Afinal, todo o trabalho na privatização da Telebrás foi feito em conjunto e eu não poderia ter outra atitude. O presidente Fernando Henrique Cardoso me pediu para ficar interinamente na presidência, até encontrar nossos substitutos. Posteriormente, o ministro Celso Lafer chamou-me para falar sobre nomes possíveis para os cargos vagos no banco e também sobre o próprio banco. Sugerir alguns nomes, como os da executiva da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), Maria Silvia Bastos Marques, Luiz Oresntein, que já foi do banco, e o diretor do grupo Pão de Açúcar Luiz Antonio Oliveira. Também falamos sobre o papel que o BNDES tem e para onde ele deve caminhar. Depois, o ministro Lafer e o presidente Fernando Henrique me chamaram e me perguntaram se eu aceitaria ficar. Pedi alguns dias para pensar. Conversei com André Lara Resende e com o ex-ministro Mendonça de Barros e eles acharam que eu devia aceitar. Daria continuidade ao trabalho que está sendo feito aqui, naturalmente com uma mudança de enfoque.

Estado - O que muda no enfoque do BNDES?

Pio Borges - Muda mais na minha ação do que na do banco. Nos últimos anos dediquei 90% do meu tempo à privatização, mas agora meu foco será outro. O banco continuará operando nas suas áreas tradicionais, entrará cada vez mais em novas áreas, particularmente infra-estrutura, e deverá ser muito ativo no setor de petróleo, na medida em que este setor abriu-se a investimentos privados. Sem contar as novas frentes que passamos a apoiar, que são o comércio e serviços. Além disso, temos de ajudar na reestruturação dos setores de siderurgia, papel e celulose, petroquímica e mineração, que é bastante urgente. E, naturalmente, dar o máximo da instituição para os financiamentos às exportações.

Estado - O senhor acha satisfatória a atuação do banco nesta área, tão vital para a recuperação das contas externas brasileiras, cuja deterioração levou à crise atual?

Pio Borges - Começamos a nos dedicar às exportações há três anos, quando financiávamos US\$ 400 milhões para o setor exportador. No ano ano passado financiamos US\$ 2 bilhões e para este ano a estimativa é de US\$ 3 bilhões. Uma soma anual destas não faz vergonha em lugar nenhum do mundo. Isso representa 15% do orçamento atual do Banco e 60%

dos desembolsos globais, para todos os setores, há quatro anos. Muitas instituições de exportação no mundo não financiam um volume tão grande. Enfim, pode até ser pouco ante as dificuldades externas do País, mas é suficiente para criarmos a base de uma nova plataforma de desenvolvimento, na linha de um novo Eximbank brasileiro.

Estado - Há contudo um problema objetivo neste momento: o BNDES vinha fazendo muitos financiamentos indexados à variação de uma cesta de moedas, o que significava um custo muito baixo para o dinheiro. Mas com a dificuldade de captação de recursos no exterior, como manter os empréstimos com custo baseado na cesta de moedas?

Pio Borges - Cerca de 20% dos recursos do FAT podem ser usados para financiamentos indexados ao dólar. É o nosso FAT cambial. Com ele, o custo do dinheiro para a empresa tomadora do empréstimo é muito competitivo com os custos vigentes no exterior.

Portanto, não dependemos dos empréstimos indexados à cesta de moedas para sermos competitivos. Tanto é assim que empresas brasileiras já ganharam importantes concorrências internacionais usando estes recursos. Uma das mais importantes foi a venda de aviões, pela Embraer, para a American Eagle, na qual a empresa brasileira venceu a Bombardier canadense justamente porque oferecemos à American financiamento para os aviões pelo FAT cambial.

Estado - Com o caso do grameamento de conversas no banco, como o BNDES vai atuar em privatizações a partir de agora?

BANCO TEM US\$ 3 BILHÕES PARA OS EXPORTADORES

Pio Borges - Na fase de pré-leilão, em que o governo procura fazer com que as empresas sejam vendidas pelo maior preço, o BNDES também sempre se envolve,

mas agora isso precisa ser cercado de um cuidado muito maior. Temos sempre contato com todos os interessados e fazemos o possível para que cada um se sinta o favorito. Só que não é verdade – todos são favoritos. Queremos é maximizar o preço do que estamos vendendo.

Estado - Os senhores agora vão gravar as próprias conversas com candidatos, financiadores e envolvidos em geral nas privatizações?

Pio Borges - Estamos pensando nesta possibilidade. Isso nos deixaria mais tranquilos, já que teríamos como comprovar se uma conversa grameada foi editada.